



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 9 de julho de 1854 – Edição 28

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00028.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 9 DE JULHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Finalmente passado está o mão tempo, queridas leitoras. Agora entra a Christina em ordem do dia detalhando-vos figurinos e modas, e mesmo mais algumas cousinhas que forem apparecendo de bom e melhor no grande círculo da corte; sem comtudo passar pela insupportavel desconsolação de vos não dar figurinos, como infelizmente lhe aconteceu ao chegar de Petropolis, que ficou da côr do senhor mestre, sem poder ir para atraz nem para adiante, por falta delles, que o Sr. Pariz descuidou-se de os reinetler, e pôz a redacção em papos d'aranha.

Muita cousa ouvirão estes meus ouvidos durante o temporal sob o qual navegava afouto o fragil batel do *Jornal das Senhoras* arfando sobre as successivas ondas do desgosto de uns, da desconfiança de outros, do prazer de alguns, e do desanimo de muitas das suas assignantes! Ha muita gente assim: desanima por qualquer cousa!

Com effeito, o caso, em abono da verdade, era serio dando-se desgraçadamente quasi no fim do semestre: parecia que da lamentavel sorte de muitos de seus anteriores companheiros o *Jornal das Senhoras* ia partilhar sem remissão nem aggravo, e que no fim dos dous annos e meio de sua feliz existencia seus dias risonhos se murcharião com a sua morte no ultimo domingo de Junho.

Não foi Deus servido que assim acontecesse. Os homens que errarão emendarão a mão, e por uma correspondencia commercial, a mais rapida que se tem feito desde que temos a linha de paquetes de vapor inglezes, os nossos figurinos nos chegarão, ainda no mez de Junho, para desassombrar a redacção dos sustos da apregoadá morte do *Jornal das Senhoras*, e comprovar aos seus assignantes não só a pontualidade de suas promessas, mas ainda quanto pôde a fé e o capricho de sustentar o seu posto tão honrosamente protegido por vós, queridas leitoras, que jamais o tendes desamparado.

Seja-me licito aqui agradecer, em nome de toda a redacção, os incessantes cuidados que empregou para este bom exito a casa commercial incumbida da remessa dos nossos figurinos: captivou-nos o seu comportamento.

Ponto porém no cavaco, que já se vai tornando compridinho e tratemos dos muitos figurinos que vos devemos dar neste semestre.

E, por serem muitos, a redacção, querendo evitar-vos a enfadonha leitura de um jornal inteiro recheado de explicações de *toilettes*, não publica hoje todos os figurinos que ella vos deve do semestre passado, e entendeu que vos seria mais agradável receber duas estampas de cada vez até completar-se o numero das que vos faltão.

Em consequencia desta deliberação, offereço-vos, queridas leitoras, duas lindíssimas estampas;

uma de figurinos para baile, e outra com vestuarios de passeio: qualquer dellas, apresentando-vos delicadezas e novidades mui proprias á nossa actual estação, indicação ao mesmo tempo o principio fundamental da moda, tanto nos vestuarios de baile como nos vestuários de passeio.

Este principio fundamental consiste na grande roda dos vestidos, que usão-se hoje com muita roda e muito enfeitados (não voto por este appendice) mas os seus enfeites mais largamente distribuidos por sobre a saia e mangas; no penteado que geralmente está approvedo, e que realmente vai mui bem na maior parte das senhoras — o penteado *Theba* ou á *Eugénie*; nos seus ornamentos, que já não são de ouro e prata, mas de flores e de folhagem solta; e finalmente na qualidade dos estofos, que passarão de tecidos de ouro e prata para as valiosas rendas de subido merecimento.

D'entre os nossos figurinos, onde encontrareis tudo isto, vos apontarei um objecto que me parece digno da vossa attenção por sua elegância e utilidade; vêde-o: é a jaquetinha de mangas fendidas que representa a figura que está junto áquella outra envolvida no seu branco *Talma* franjado, com bordaduras côr de rosa.

A essa jaquetinha chamão os Parisienses apropriadamente *coin du feu*, porque ella serve para a senhora vestil-a quando se chega ao fogão para aquecer-se, ou quando mesmo em outra qualquer occasião quer agasalhar-se. E' um pequeno sobretudo, delicado e de bom tom, que em logar do *Talma*, preenche graciosamente o mesmo fim nos dias menos frios e húmidos, como são os da primavera em Páriz, ou os do nosso inverno do Rio de Janeiro.

Convido-vos que tenhais um *coin du feu*, com todo o *chique* da elegância, se quereis ter mais um talisman ás vossas graças. — Bem vêdes que se pôde ser graciosa sem ser bonita; mas o convite é dirigido a todas.

O *Talma* é uma elegante e decente capa de inverno, um objecto de primeira necessidade que toda a senhora deve possuir para o passeio, para a sahida de baile, de theatro, etc.; mas o *Talma* não é o faceiro *coin du feu*: ambos téem a sua occasião.

Quanto aos enfeites modernos para os vestidos de baile, são fascinadores os que ultimamente chegarão á casa Barat. Vi um completo sortimento de verdadeiras rendas de blonde bordadas de pérolas brancas, côr de rosa, azues, verdes, matizadas, de magnífico effeito á noite; outras bordadas de palha e seda, de cores entremeiadas; rendas pretas de veludo; rolos de marabouts, de todas as côres, para enfeitar os vestidos de filó e os de escomilha; e finalmente vi uvas, brancas e pretas, que me fizeram vir água á boca, o mais perfeito que mão humana pôde fazer: são da fabrica de Constantino, para enfeite não só de vestidos, mas também de chapéos e penteados.

Sim, queridas leitoras, uvas perfeitíssimas para vossos enfeites; remarcaí isto: além de vossas naturaes seducções, vem ainda mais o bago embriagador collocar-se por entre os vossos lindos cabellos, espalhar-se por sobre o vosso vestido, ou concentrar-se em toda a sua beleza ao lado de um pequenino e gracioso chapéo...!

Não ponho mais nada na carta por esta vez. Fica este artigo com um *continuar-se-ha*, e para domingo estará de novo comvosco a vossa

Christina.

Cattete, 7 de Julho.

DESCRIÇÃO DAS ESTAMPAS.

PRIMEIRA GRAVURA (N. 587).

UM VESTUARIO DE BAILE.— Vestido de setim branco, coberto de quatro ordens de renda branca, ponto de Inglaterra, regaçadas com ramos e flores. O corpo é de bico adiante e atrás.

Berthe da mesma renda, muito curta nos hombros, deixando apparecer as mangas em fofos de fita. Ramo nas mangas e no peito.

Grinalda, ornando o penteado á *Eugénie*, de flores iguaes ás do vestido, que são de flores do campo e cachos de uvas.

UM VESTUARIO DE CRIANÇA.— Vestidinho baanco, de caça da Índia, enfeitado de cinco folhos, orlados de uma rendinha *guipure*. Dous babadinhos do mesmo feitio formando a berthe. Corpo franzido. Cintura redonda. Cinto e enfeite da cabeça, de fita azul.

VESTUARIO DE BAILE PARA UMA MENINA.---Vestido de nobreza côr de rosa: saia enfeitada de cinco folhos de escomilha embainhados com uma fita de setim: uma sobre-saia, tambem de escomilha, apanhada de cada lado por duas grinaldas de laços de fita de setim.

Corpo franzido, de cintura redonda. Berthe redonda coberta por dous folhos de escomilha, como os da saia, e enfeitada de laços de fita.

SEGUNDA GRAVURA (n. 594).

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA PARA RECEBER VISITAS.— Vestido de nobreza verde, afogado, de folhos.

Coin du feu de veludo preto, enfeitado de fita escoceza de veludo.

Touca de *guipure*, enfeitada em volta e aos lados com grandes tufos de laços da mesma fita escoceza.

VESTUARIO DE PASSEIO OU VISITA.— Vestido de nobreza côr de rosa, ornado de um fofo á baiana.

Talma de cachemira branca, franjado, bordado de ouro, ou seda de ouro.

Chapéu de renda e flores.

Principio declarando-vos, minhas amaveis e queridas leitoras, que a vossa Francina esteve hoje por um triz a não visitar-vos com a sua *chronica*. E' verdade que me parece já vos estar ouvindo dizer — *que grande falta !* — mas eu, inda que reconheça essa razão, não gosto comtudo de faltar ao que prometto, e por isso hoje, de máo humor e difficil de me contentar, eis-me comvosco, pedindo desde já mil perdões pelo meu laconismo.

Uma noite destas dizia-me a mais bella e espirituosa moça do Cajú « A volubildade e a inconstância que os homens dizem ter o nosso sexo, é, a meu vêr, exactamente uma das qualidades; porque, quanto mais volúvel é uma moça, tanto maior é o numero dos seus adoradores, tanto mais importantes são suas conquistas. »

Ora eu, que sou voluvel e inconstante por natureza, neguei a proposição, porque nem grande é o numero dos meus adoradores, nem importantes as minhas conquistas. No entanto appello para vós, que decidireis qual de nós duas teve razão.

Mas a que vem isto? perguntareis vós.

A que vem? eu vos digo. O meu coração funcçiona mais vezes do que a minha intelligencia, e eu decido-me mais pelo sentimento do que pela voz do interesse.

— Não entendo esse enigma.

— Melhor; então não fallemos mais nisto; e tratemos das occorrências da semana. Mas por Deus! como estiverão pouco animados os nossos elegantes salões! durante oito dias nem um baile de *bom tom*, nem uma brilhante *soirée*! Verdade é que houve um sarão de annos, um chá de casamento, e o promettido e esperado baile de festejo da sociedade *Phil-Hebe*; mas tudo isto tão pouco animado, tão solitário do elegantismo do grande círculo, que quasi passou desapercebido.

A semana tem sido dos theatros; no italiano duas operas novas; no nacional um novo drama de merecimento; no francez, a companhia da Sra. Favrichon, que prima nos *vaudevilles*, mas que precisa ser ajudada pelos seus collegas, que devem ao menos estudar mais seus papeis, e vestirem tambem melhor. E viva o inverno, que é a verdadeira estação das flores.

Em busca de uma distracção vou hoje para bem longe daqui, visitar umas amigas, e assistir a uns annos. Quem sabe se o atravessar da nossa formosa bahia, se o caminhar depois algumas legoas por uma bella estrada, não me curará deste máo humor em que me acho hoje? Talvez! quem sabe? Até á volta.

Francina Oscenia.

8 de julho de 1854.

A ENCARCERADA DE NEWGATE. (*)

Era uma tarde de junho, e Catharina, rainha de Inglaterra, só e recolhida á sua câmara, abandonava-se a cruelissimas angustias. E' porque, nesse mesmo dia, Anna Askew comparecia com seu marido perante a câmara dos lords. A' dôr que sentia Catharina por ver a sua amiga em processo, accrescia o receio que tinha de partilhar a sua sorte. Anna era altiva, intrépida e astuta motejadora. Em um momento de impetuosa franqueza podia comprometter a esposa de Henrique VIII. Querendo furtar-se a seus temores, metteu mãos a uma tapeçaria de ha muito começada, e que representava os filhos de Medéa offerecendo a Creusa os presentes funestos de sua mãe. A sua obra a intimidou. Pallida, espavorida e entregue toda a seus melancólicos pensamentos, nem deu fé do rei, que se approximava, acompanhado do seu anão. Quando o viu, com custo reteve um grito que quasi lhe escapou do peito. Henrique sentou-se em face della, e, após um momento de silencio, disse-lhe:

— Gostais de noticias, querido coração, pois bem! algumas vos vou dar. Recebi uma carta do meu bom irmão de França (**). Está triste, e a sua saúde não é tão boa como desejo o seu povo e seus amigos. Isso me dá algum cuidado. E' um príncipe amavel que sinceramente estimo, bem que me fizesse uma guerra de corsário, e que sempre tenha adorado o ídolo de Roma. Dizem uns que tem poucas luzes, outros pouca firmeza, e eu nego que elle possua qualquer destas qualidades. Tem passado toda a vida requestando as damas, e correndo após uma gloria vã e estrondosa; morrerá sem nada ter fundado de solido e perduravel.

— A manhã esteve bella, disse a rainha mal o rei se calou: gozou della vossa graça?

— Não, diverti-me em ouvir uma herege. Vós a conheceis, se a memória me não falha.

A rainha continuou o seu trabalho com redobrada applicação. Henrique sorriu-se.

— Deixai a agulha, Catharina; as paredes do nosso palácio não estão nuas, nada urge. Tantas vezes me tendes citado a mulher de que falla o santo rei Salomão, que desejo tomal-a por modelo.

— E fazeis muito bem quando estais só; mas estando eu aqui, antes quero ver vossos formosos olhos fitos em mim do que nessas personagens da fabula. Ellas são insensíveis, e eu, Catharina, amo-vos. Mostrai-me o vosso lindo rosto, que

(*) Prisão de Londres.

(**) Francisco I.

hoje sómente tenho visto lords de fêa catadura e lingua perfida. Por vida minha, que quasi me interessei pela estonteada moça quando a vi entregue a taes algozes.

E calou-se por alguns instantes, como se quizesse dar tempo a rainha para fallar.

— Mas não me perguntais o que ella disse? Comtudo algum interesse tendes em sabel-o.

Ao pronunciar vagarosamente estas palavras, que podião ter um sentido tão profundo, Henrique observava com os seus olhos de lince a impressão que ellas fazião.

— Eu vos escuto, senhor, respondeu a rainha.

— Com mais curiosidade do que desejais mostrar, não é assim, senhora? Anna fallou ousadamente e muito. Sabeis vós, por ventura, que tem ella relações com mais de uma senhora de alta jerarchia? Quanto á fé religiosa, poucas ou nenhuma haverá puras. Conto banhar-me em delicias com as revelações dessa linda arrogante, que linda é ella por certo. Ha mais de uma duqueza, e talvez damas ainda mais illustres, que veremos estremecer d'aqui a poucos dias.

— A mulher é uma creatura fraca, que deveria achar apoio na força e generosidade do homem, disse a rainha.

— Tendes razão, Catharina, mas fôra de mister que essa creatura fraca se mostrasse submissa. Quando outra vez fôr interrogada a senhora do Lincolnshire, ireis ouvil-a, e ficareis admirada da sua audácia. Faz suar de raiva os nossos lords. E' uma comedia que, na minha opinião, vale mais que quantos combates de ursos ha no mundo.

— Rogo a vossa magestade que me poupe o desprazer de assistir a semelhante espectaculo. Conheci Anna Askew donzella feliz e discreta; muito me custaria vel-a herege e miseravelmente rebellada contra o seu soberano. Pobre insensata!

— Talvez que a vossa presença lhe inspire alguma circumspecção. Nunca houve catholico que tanto insultasse os lords. Elles, porém, saberão vingar-se. O marido tem um fanatismo que iguala a incredulidade da mulher, mas elle sabe arranjar a sua defeza; é um medroso que nunca mais dirá palavra, e que será reenviado para o seu albergue. Sabeis vós que ella nega a presença real? Ouvis, senhora, o que vos digo: a vossa amiga do Lincolnshire nega a presença real, e vós me escutais com tanta frieza!

— Senhor, estou espavorida.

— O nosso *lord mair* (*) disse-lhe que um rato que comesse uma hóstia consagrada iria para o inferno. Longe de applaudir esta manifestação religiosa sorriu-se com a maior insolencia e exclamou: Pobre rato! Oh! a iniquidade excede todo o limite. Dir-se-hia que o ante-christo já desceu á terra e que é chegada a época da consternação e da impiedade, predicta pela voz dos prophetas.

— Comprometteu ella alguma pessoa de distincção? perguntou a rainha com uma firmeza que contrastava singularmente com a sua pallidez.

— Ah! isso vos interessa! Não me enganei. Henrique deixou a rainha por algum tempo no estado de inquietação a que suas palavras a tinham reduzido: depois disse pausadamente:

— Anna não tem querido declarar o nome dos seus cúmplices de impiedade, mas os tormentos a tornarão menos discreta. Catharina levantou-se.

— Como, senhor! quereis atormentar essa mulher?

— E porque não? Deus pôz a espada em minhas mãos, não devo consentir que ahi fique ociosa. A herege nomeará os seus cúmplices ou morrerá!

— Ainda está solta?

— Que pergunta de criança! Está em *Newgate*, senhora, bem ferrolhada, e guardada por olhos que não dormem.

— E' mulher, senhor, e a vossa gloria exige talvez que vós mostreis misericordioso.

— Dizei antes fraco, traidor, sacrilego para com Deus e para com os homens. Quando Jesus Christo nos chamar todos a juizo, pouco se importará com as delicadezas do corpo de uma mulher, mas elle me pedirá contas a mim, rei desse povo inteiro cuja ruina terá sido provocada pela minha frouxidão.

— Senhor, não deveis confundir a violência com o zelo religioso. Jesus Christo, cujo nome ainda agora invocastes, estabeleceu a sua divina fé empregando sómente a brandura. « A misericórdia e a verdade, disse Salomão, defendem o rei, e o seu throno é sustentado pela clemência. » Atormentar uma mulher! oh! é essa uma tentação do espirito maligno!

— Pegai na agulha, respondeu Henrique corando; dei demasiada liberdade á vossa estultícia e mais de uma vez tenho tido occasião de arrepender-me. Não tendes, senhora, a submissão que ordena a Escritura Santa, não sois essa mulher chamada *Dom do Eterno*, mas sim aquella de quem se diz: « é melhor viver em um telheiro do que morar em um palácio com uma mulher altercadora. » Tenho bastantes motivos para duvidar da vossa fé... Ah! uma tentação do espirito maligno!... Julgais fallar sem duvida a esse estúpido Luthero que via o diabo em toda a parte e que se divertia em atirar-lhe com o tinteiro á cabeça. Graças a Deus ainda sabemos o que dizemos, posto que a nossa barba comece já a pintar!

A rainha tinha ouvido de mais para ficar ociosa. Procurava lembrar-se da pessoa a quem confiaria com segurança a salvação de Anna Askew, quando Norris se lhe offereceu para tão arriscada empreza. Elle se encarregou de comprar a peso de ouro os carcereiros.

Contando com o bom exito do projecto, empregou Catharina todas as suas forças para mostrar-se tão tranquilla que pudesse illudir a observação penetrante e sensível de Henrique.

Na véspera do dia dos tormentos devia Anna sahir de *Newgate* e partir para a França; mas Norris foi subitamente preso por ordem de Henrique, e á Catharina sómente ficarião encarregados os destinos de Anna. Esta tinha recebido um bilhete que lhe communicava a tentativa que se projectára.

(*) Primeiro magistrado de Londres.

— 221 —

Confiando nos seus amigos e mais ainda na protecção de Deus, passou o dia que julgava ser o ultimo do seu captiveiro em orações religiosas. Quando a noite se approximou, e que as sombras descêrão á sua prisão, sentou-se no banco da sua janella, bem estreita e bem alta, e esperou que as trevas envolvessem o seu lugubre aposento. Uma estrella brilhou viva e branca no firmamento; ella a saudou com piedoso transporte. Mas, passados alguns momentos, não pôde conter-se. Com pezar allumiou a sua lâmpada; pois lhe parecia que era isso condemnar-se a si mesma a não sahir de tal logar. As forças de sua natureza rebellárão-se contra ella, e tornarão-se indomaveis inimigos. Principiou a correr nesse estreito espaço como se alguém a perseguisse, ou como se tivesse de andar muito caminho em pouco tempo. As paredes não lhe servião de obstaculo, que ella nem as via. Era sem o pensamento, sem o riso acerbo e sombrio dos desgraçados que ella se voltava velozmente e proseguia a sua marcha singular.

De improviso teve dó de si, e procurou tranquillisar-se. Abandonando o seu fogo exercício, sentou-se na borda do leito e fez esforços para habituar-se a crer que ninguém viria... A inquietação em que estava não lhe permittiu conservar-se nesta terrivel idéa. A immobildade tornou-se impossível; levantou-se em um desvario convulso, e começou a agitar-se. Desta vez viu as paredes, e estremeceu de estar assim fechada. Onde os campos? Onde o horisonte vasto, illimitado do seu paiz natal? Ella ahi corria descuidosa e alegre ao vento, ao sol, ao orvalho da madrugada e ao rocio da noite; os seus dias de donzella tinham sido tão presumpçosos! Agora... Uma lagrima de cólera lhe correu pelas faces. E, depois, com os braços cruzados e uma esperança ávida, fitos os olhos na porta, passou dez minutos que lhe parecerão annos...

Tudo dormia... tudo parecia dormir ao menos nessa morada da desesperação; era alta noite, e Anna esperava ainda. O seu ardor, animando o silencio, fazia-lhe ouvir passos e vozes. Mas ninguém vinha. O coração da infeliz pulsava com tal violência que ella mesma se assustou. A sua impaciência tornou-se em angustia, em um tormento impossível de supportar, se por mais tempo se prolongara. Vinte vezes releu o bilhete de Catharina, pensando que não lera bem, e por fim queimou-o. As horas passarão vãs e sombrias. Quando pôde convencer-se de que

não vinhão, rebellou-se contra o seu destino; a sua imaginação lhe debuxou as scenas de horror do dia que ia romper. Por um momento chegou a odiar Catharina: não era á promessa enganadora dessa mulher que ella devia os seus atrozes e inúteis tormentos? Antes dessa falsa demonstração de affeição, que tão miseravelmente a engodara, ella nem receiava os homens nem a morte. Era a amiga, sem coração e sem fé, que ella accusava de seu aviltamento, que ella, no seu estado de exasperação, quasi amaldiçoou. A esta espantosa energia succedeu uma prostração completa. Por muito tempo ficou deitada no chão, sem pensamentos, sem vista, com o frio da morte no coração, não tendo mesmo o sentimento da existência. A lâmpada se tinha apagado e a deixara em uma noite profunda. A sua fúnebre vigilia durou até amanhecer. Anna nada sentira, nada soffrêra, mas tantas horas nullas repugnãvao á sua altiva natureza. Aos primeiros clarões do dia sahiu a infeliz da sua lethargia, e, ordenando suas idéas, tentou recuperar a sua habitual firmeza.

— Que chorava eu? disse ella com um sorriso melancólico. Um pequeno numero de annos inquietos, salpicados de longe em longe de algumas vaidosas satisfações: por bem pouco me affligia! Não devo antes render graças ao meu Deus? Não se mostra misericordioso chamando-me para o seu santo reino antes que a vida se tornasse insupportavel, antes de a eu ter repellido com um dom funesto e vão? Levo ao túmulo os meus thesouros de mocidade, o tempo não mos terá roubado. Nenhum lábio amado se gelou sob os meus lábios, nenhum ente da minha idade tenho a chorar. Que motivos tenho para aspirar a um destino mais feliz? Que fiz eu de bom e santo? Como é pequeno o logar que occupão na carreira da minha existência os esforços virtuosos! Vinte e cinco annos quasi inúteis! Para que accrescentar-lhes outros, que por ventura não terião mais valor! Oh! desejos pueris! De que illusões careço ainda? não saboreei eu as mais bellas?

E comtudo ella chorava: é porque as recordações felizes tinhão tambem affluido para a sua alma. Os recursos humanos erão insufficientes. Anna prostrou-se, e, com fervorosas supplicas, pediu a Deus lhe desse valor para supportar os tormentos que a aguardavão. Quando se ergueu sentiu-se desligada da vida: nenhum erro a unia mais ao mundo. Um escriptor de sublime intelligencia disse, fallando das orações: « Esta effusão dos votos, dos terrores, do remorso dos homens, attesta ao mesmo tempo a sua dignidade, pois que crê em Deus, e a sua fraqueza, pois que teme ou deseja. Ella deveria, pois, ser livre, como são os movimentos da consciência, sentida, animada como as inspirações do coração (*). » O día raiou em todo o seu esplendor; Anna estava tranquilla e firme; mas houve um momento em que a tez tremeu á idéa de que os seus algozes lhe arrancarião alguma confissão prejudicial a outros.

— Que a minha ultima hora te glorifique, oh! meu Creador! Que nenhum ente soffra pela minha fraqueza! Dai-me coragem para resistir aos tormentos! Ponde um sello em meus lábios para que fiquem puros! Outorgai esta graça á simplicidade de minhas orações, á minha confiança na vossa misericórdia! Meu Deus! sêde-me propicio!

(Continúa.)

(*) N. A. de Salvandy.

— 222 —

POESIA.
ESTÁS MENTINDO.

Debalde dizes que não,
Que tu não tens coração,
Que não nasceste p'ra amar;
Digas isso embora rindo,
Bem vejo que estás mentindo,
Que não queres confessar.

E fazes bem; o segredo,
Esse véo de casto medo
Em que te envolves singela,
Para mim tem mais encanto,
Que envolvida nesse manto
Inda te acho mais bella.

Não rias, não 'stou caçoando,
Eu gosto ás vezes brincando
Dizer aquillo que eu sinto,
Embora eu sei que ha verdade
Que se não diz á tua idade.
— Vê por ahi se eu te minto.
Ficaste séria? Meu Deus!

Já baixas os olhos teus?
Não te ris mais do que eu digo?
Pois bem, façamos as pazes;
Quero ver se não as fazes,
Se ficarás mal commigo.

Não ficas, que eu bem o sei:
Já nos teus lábios visei
Um sorriso angelical.
Por uma questão de amores
Não valem tantos rigores,
Não vale darmos-nos mal.

E embora digas que não,
Que tu não tens coração,
Que não nasceste p'ra amar,
Bem vejo que isso é mentira,
Que nunca Deus consentira
Em tão bella te formar.

E havia um anjo perfeito
Com esse feio defeito
Desmentir a criação?
Não creias — que Deus sonhou-te,
E ainda bem não formou-te
Deu-te logo o coração.

Eis aqui o que é verdade;
Não te offende a castidade
Dizer-te que tens amor;
Mas fazes bem, o segredo
E' um véo de casto medo
Matizado de rubor.

Não amas tanto a mamã?
Não queres tanto a tua irmã?
Não brincas com teu irmão?
Pois esse puro sentir
E' que não podes fingir,
Não podes dizer que — não!

B.

A VARINHA DE CONDÃO.

Deu-me a fada dos amores
Uma vara de condão,
Para formar a meu geito
Um sensível coração.

Formei um, que pareceu
Ser um primor da natura;
Mas depois desconsoltei-me,
Era frio e sem ternura!

Deixei esse, e formei outro,
Com esmero e com cuidado!
Inda fui mais infeliz,
Era de gelo formado!

Esforcei-me, inda fiz outro,
E trabalhei com ardor...
Mas tambem nada alcancei,
Era insensível a amor.

Aqui tens a tua vara,
Boa fada, lhe disse eu;
Quer a sorte que eu não ache

Um coração como o meu.

D. M. C. da S. Sequeira.

— 223 —

BOLETIM MUSICAL.

Já são passados quatro domingos, sem que tenhamos cumprido um dever á que estamos obrigadas para com as nossas amáveis e queridas leitoras, qual o de publicar um *boletim musical* da semana no mundo dessa arte divina; e esta falta talvez nos tenha acarretado o titulo de ingrata. Oh! mil perdões: nem por um instante queremos passar por tal. — E' tão feio o nome de *ingrata*!

— Mas porque não tem apparecido o *Boletim musical*? nos perguntará alguma mocinha mais curiosa.

— Porque?... Porque... nem sei mesmo o que vos diga.

— Nada de mentiras.

— Isso nunca; a mentira é feia em nossos lábios.

— Mas que motivos houverão para que não apparecesse o boletim?

— O motivo é por entendermos dever muita consideração ás nossas leitoras para lhes não darmos escriptos incapazes dellas, e alterações de nossa fraca saúde não nos permittiu entregar-nos a trabalho algum.

— E o que temos de novo?

— Immensas cousas: mimosas e lindas como o rosto de uma Fluminense.

— Lisongeira! dirá alguém; mas eu penso que não o sou.

— Por ventura ha lisonja em dizer que o rosto de uma Fluminense é lindo e mimoso?

— Como o de todas as Brasileiras.

— Tambem ninguém me queira dizer que nisto agora é que ha muita lisonja.

— Deixemo-nos disto; a Sra. D. Joanninha está hoje disposta para divagações. Vamos fallar sobre musicas, que para isso é que vem á luz da imprensa este artigo.

— Publicou-se um bonito romance para canto e piano, intitulado *Amor e Mystério*, composição de gosto e primor, e de um effeito maravilhoso, cuja venda foi confiada á casa do Sr. Salmon na rua dos Ourives n. 60. Nesta mesma casa tambem se encontra a linda e animada quadrilha que se publicou esta semana, conhecida pelo nome de — *Sete maravilhas do mundo*.

O *Bouquet das Pianistas* publicou os seus ns. 6 e 7; o primeiro com os bonitos pensamentos de Weber para piano; o segundo com um ramalhete de *Schotisches*, onde se distingue a que tem o nome de *Anna Maria*.

Esta interessante publicação continúa a merecer os louvores dos *dilettanti*, e vende-se em casa dos editores, os Srs. Raphael e Frion, rua dos Ourives.

Tambem publicou-se uma bella *Schotische*, intitulada *As Saudades de Roma*, composição de um moço, o Sr. Vicente Mallio, talento artístico, cheio de merecimento, e que, tanto no pincel como na musica, tem por mais de uma vez demonstrado a sua imaginação e apurado gosto.

O nosso querido e interessante *Jornal das Senhoras* deu, nos domingos passados, duas interessantes publicações musicaes: a *schotische* — *Emilia*, e uma modinha brasileira — *Donzella, os teus olhos*. Tanto uma como outra tem seu merecimento, e as recommendamos ás nossas amáveis leitoras, que as acharão na casa do Sr. Coelho, rua do Ouvidor, esquina da dos Ourives.

O que tem tambem andado por estes dias muito em voga é a quadrilha *Luso-Brasileira* dedicada aos accionistas dessa companhia; o que talvez seja devido a estar no nosso porto o lindo barco a vapor *D. Maria II*. Ainda hontem uma nossa amiguinha de S. Christovão a tocou maravilhosamente; hoje já a ouvi pela mais linda flor que existe na *Gloria*.

E' verdade; ia-me esquecendo uma cousa. Em uma das noites passadas ouvimos tocar piano á Sra. Amalia Jacobien; e ficamos extasiadas por ouvil-a, tão distincta professora, executar pedaços sublimes e dificeis. Esta artista toca perfeitamente: tem grande execução, e mostra aturada applicação, cultivo da arte, e bello talento. Dizem-nos que esta senhora tem algumas discipulas brasileiras, ás quaes felicitamos pela sua professora.

De interessante nada mais ha: penso que por hoje tenho cumprido minha missão, inda que mal.

— Nada de vaidade, nem modéstia.

— Bem; fico aqui. Até domingo, que se o frio der licença virei á cidade conversar com as minhas amáveis e queridas leitoras.

Joanninha.

CORREIO DOS SALÕES.

Bravo! Preso por ter caçado, e preso por não ter caçado. Preso por ser muito abelhudo, querer saber de tudo; e preso por não poder dizer cousa nenhuma!

A culpa no entanto não é minha, queridas leitoras, fiz os esforços; corri por toda a parte; perguntei a todo o mundo; escrevi muita noticia; tomei nota de muita novidade; copiei em papel limpo; esfreguei as mãos de contentamento, e disse com os meus botões — desta vez vai um chibante correio dos salões! — Mas... oh! que aperturas, que desapontamentos, que desgosto, que impiedade, que pouca contemplação, que falta de calculo, que medida improfícua, que discurso perdido, como o diria qualquer deputado opposicionista! que falta de estratégia! diria um general desapontado; que castigo! como o diria qualquer beata; que sonho quebrado! como o diria qualquer poeta sentimental no exterior de uma agonia, nas dores de uma decepção!!

— 224 —

Cheguei tarde; faltou-me a bússola; perdi a estrella; transviei-me da derrota; soprarão os ventos contrários; levantarão-se escarcéos medonhos, serras de espuma, vagas furiosas, carneiros assombrados; e o barquinho do *Correio dos Salões* quasi naufragou n'um *maremagnum* de noticias curiosas, de casos interessantes! Os inimigos avançarão umas poucas de léguas, surprenderão-me o aquartelamento, flanquearão-me os lados, romperão-me o esquadrão das novidades, e eis-me batido em debandada! Que desgraça! que fatalismo! não ha um genio que proteja as boas vontades; não ha uma deusa que escute o desejo de bem servir; não ha um anjo que ampare com suas azas as boas intenções! Todos os contos, factos diversos, novidades, bailes, theatros, operas novas, *toilettes* de gosto, penteados, mundo elegante, tudo, todo foi surpreendido, contado de antemão pelos jornaes desta côrte, descripto com mais graça, e ahi ficão perdidos meus esforços, inutilisado o meu trabalho, desfeitas as minhas illusões, quebrado o meu sonho, illudidas as minhas esperanças... Ah! que eu bem podia deitar-me n'uma cama e exclamar como o poeta italiano — *Oh! vuoi... lasciate ogni speranza!*...

E havia de ficar bonito, sim senhor; não ha obrigações a cumprir, compromissos a satisfazer, desculpas que inventar, satisfações que fundir? Havia de ser interessante um annuncio no *Jornal das Senhoras*, que dissesse — não sabe o *Correio dos Salões* por abundância de noticias, o jornal não tem contas que dar, não tem assignantes com todo o direito de reprehendel-o... E depois? As maldições, as pragas, as mofas, as caçoadas, as risadinhas, os escarneos que cahirão no pobre do *Correio dos Salões*!

Para longe, idéa tentadora, assomo de satanaz, mentira de *sereia*, beijo de Judas! Não ha de ser nenhuma de Vms. que ha de fazer o *Correio dos Salões* desviar-se de seu caminho,

deslembrar os seus deveres, faltar ao seu compromisso, embora não tenha ouvidos para tapal-os com algodão, como Ulysses; nem tambores para rufarem abafando o canto tentador; nem cordas que o amarrem ao mastro do seu navio. Elle tem muita força de vontade; muito poder para dizer cousas que não sabe; muita sem cerimonia para contar o que não póde descrever; muito *sans-façon*, (para não ir isto sem ser adubado com algum estrangeirismo) para pedir desculpa a suas leitoras, implorar humildemente perdão, por esta falta desastrosa, alheia á sua boa vontade, estranha a seu bom costume, anormal de sua natureza.

Mas que fazer! Já disse: se me chamarem á responsabilidade, hei de gritar até: — Eu fiz por bem cumprir com os meus deveres; se houve quem andasse mais depressa, *a culpa é da imprensa estar tão adiantada em nossa terra!* O passeio de SS. MM. a Nictheroy, eu tinha tenção de descrever com todo o gosto, com toda a elegância do repertório de minha graça; mas já todas as folhas dêrão conta delle extensamente; repetil-o ainda, é enxabido, ensosso; é noticia sem novidade, graça sem espirito.

Os applausos que M.me Charton tem obtido na *Somnambula* erão reservados por mim para serem pintados com todas as cores do enthusiasmo, com toda a vivacidade da imaginação, com toda a justiça que se deve ao talento e ao merecimento artistico dessa cantora.

A *Italiana em Argel* eu tambem queria apimentar com todo o sal de minha semsaboria, fallar da boa execução da parte da Sra. Casaloni, da graciosidade do inimitável Ferranti!

Do *Benvenuto Cellini*, que foi tão bellamente desempenhado em Nictheroy, e que aqui tem continuado a merecer os applausos do publico.

Enfim, tudo isto estava reservado para o *Correio dos Salões*: mas os chronicadores de nossa terra, que andão á pista de noticias como um Chim á colheita do arroz, pegarão em tudo isso, descreverão, pintarão, florearão, etc., etc.

Até os *toilettes* de baile de fantasia do Andarahy, esse manancial de bellezas, esse paraíso de flores, essa chuva de bom gosto, tudo, parece que de propósito, quizérão ver o que diria o *Correio dos Salões*, sahindo por ultimo!

Pois bem, o Correio por sua vez vingase; vai fallar da *Lucia de Lammermoor*, — da *Barone de Blignac*, — de M.me Charton, que cantou optimamente, — de Mlle. Favrichon, que tem talento, mas precisa que a auxiliem, — do Sr. Gentili, que consta não fôra contractado, o que é uma injustiça, — das bonecas da rua do Ouvidor... tá... tá... tá...! basta de tanto fallar sem nada dizer, e de tanto escrever sem nada adiantar, Sr. *Correio*! Não ha logar para tanta cousa sem gosto.

Pois bem, minhas leitoras, eu queria dizer muito mais, tapão-me a boca, tirão-me o tinteiro, apagão-me a vela, quebrão-me a penna, escondem-me o papel — não ha remedio, até outra vez.

Beijamim.

Com o presente numero começamos a dar aos nossos assignantes duas estampas de figurinos, de cada vez, até completar-se a falta dos que não lhes pudemos apresentar nos últimos domingos do semestre passado.

A REDACÇÃO.

Acompanha este n. 28 duas estampas com figurinos de baile e de passeio.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.